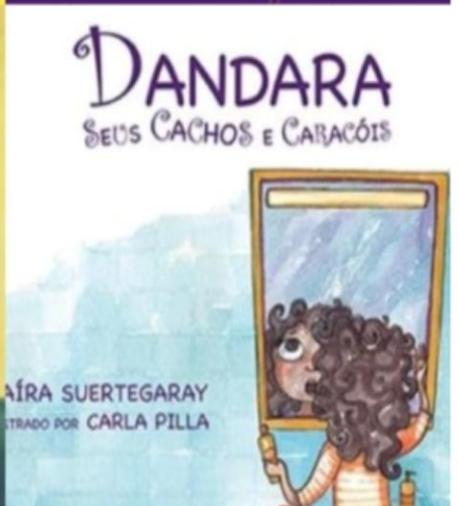
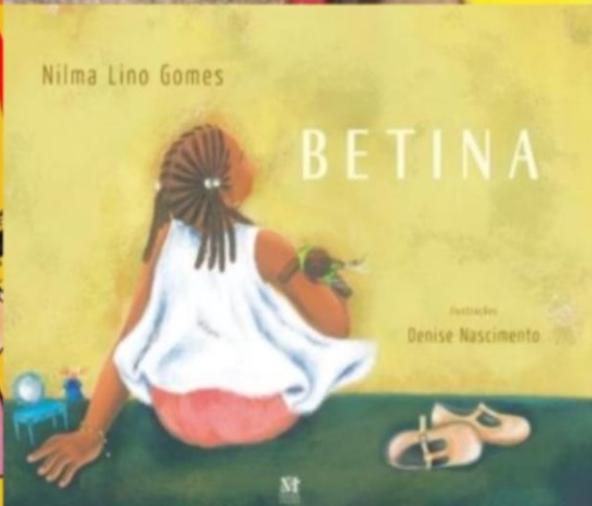
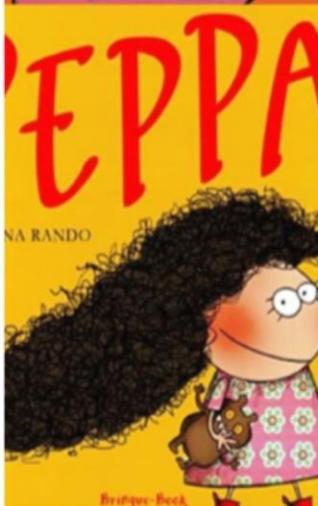
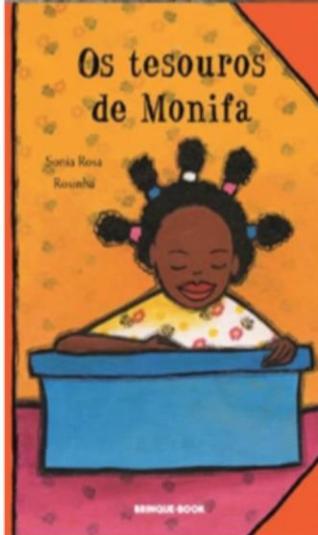




**Meu  
crespo  
é de  
rajinha**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

EVELYN SOUZA ROSA

**CABELO CRESCE...PRECONCEITO TAMBÉM!  
UMA ANÁLISE DOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL PARA O  
EMPODERAMENTO DE MENINAS NEGRAS**

Porto Alegre  
2º semestre  
2018

EVELYN SOUZA ROSA

**CABELO CRESCE... PRECONCEITO TAMBÉM!**  
**UMA ANÁLISE DOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL PARA O**  
**EMPODERAMENTO DE MENINAS NEGRAS**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia Licenciatura da Faculdade de Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jane Felipe de Souza**

Porto Alegre

2<sup>o</sup> semestre

2018

Dedico este trabalho ao meu pequeno Khalil e a todas as crianças negras. Que todos tenham a sua existência reconhecida e valorizada pela escola.

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta etapa, não poderia deixar de lembrar aqueles que foram fundamentais neste processo. Quero agradecer:

A Deus, por me dar força para chegar até aqui, por manter viva a minha fé para poder concluir mais esta etapa;

A minha amada avó Ely, meu exemplo de vida, que sempre esteve ao meu lado, com seus ensinamentos, conselhos, dedicação e amor. Devo a ela as melhores recordações de minha infância, os melhores momentos de meu crescimento. Gratidão pelo cuidado e por acreditar em mim;

Aos meus pais, meus primeiros educadores de vida, pelo apoio, dedicação e amor incondicional, pelas palavras que me encorajam, já que os sonhos são feitos de luta;

Aos meus irmãos, pela presença e pelos risos propiciados em cada momento, fazendo com que eu me sinta melhor!

Ao meu querido companheiro Ângelo, parceiro incansável para que esta conquista se tornasse realidade;

À Minha Dinda Lisete, pelo apoio, carinho e dedicação que me inspiram;

A toda minha família, por ser parte de cada um de vocês;

À professora Jane Felipe, que de forma tão competente e paciente, me orientou na construção desta pesquisa, tornando possível o sonho de escrever este trabalho. Mais que uma escrita, um grito de esperança.

Às minhas colegas Duane, Jorgiane, Elma, Carine, Katiane, Marina, Ingrid, Mariana, Renata e Carine Lemos, que foram essenciais para que eu vencesse todas as angústias que apareceram durante estes anos de graduação e que foram minha

força e identidade;

A minha amiga Cristiane Santa Maria, que com seu companheirismo e conversas de incentivo, desde o primeiro semestre da graduação - no estágio de Docência Compartilhada na EJA até agora, sempre esteve presente, dividindo as alegrias, dúvidas e expectativas do fazer docente;

Aos meus amigos, que são os irmãos que pude escolher;

À professora Denise Comerlato, minha orientadora de estágio, por suas doces palavras, pelo sorriso sincero, pelo apoio necessário, por sua prática exemplar;

Aos que foram, são e serão meus/minhas alunos/as, por cada aprendizagem, pelo crescimento profissional e humano, por me mostrarem, todos os dias, que não poderia ser outra coisa na vida a não ser Pedagoga.

“Menininha do cabelo lindo e de cheiro doce...”

“O meu crespo é de Rainha...”

bell hooks

## RESUMO

Nos últimos anos a temática etnicorracial tem ganhado bastante visibilidade e o mercado editorial brasileiro tem produzido um número considerável de livros de literatura infantil e de livros paradidáticos sobre os cabelos crespos e cacheados das mulheres e meninas negras. Ao analisar algumas dessas produções ficou evidente o quanto o tema dos cabelos crespos se faz presente como uma questão importante para a construção das feminilidades desde a infância. O presente trabalho traz como principal problema de pesquisa o seguinte questionamento: de que modo os livros de literatura infantil contribuem para o empoderamento das meninas negras? Como eles podem favorecer que as crianças questionem suas próprias identidades etnicorraciais? Como a questão do cabelo das meninas/mulheres negras é discutida em tais artefatos culturais? O referencial teórico deste trabalho busca entender os processos históricos, políticos e estéticos no que tange às relações etnicorraciais, a partir das obras das/os pesquisadoras/es Nilma Lino Gomes (2006, 2008), Kabangele Munanga (2001), Djamila Ribeiro (2018) e Gládis Kaercher (2006, 2010). A metodologia utilizada foi a análise documental, a partir da escolha de nove livros de literatura voltados para as crianças. A partir das análises realizadas, foi possível elencar quatro categorias de análise, a saber: Cabelos que resgatam as histórias dos antepassados; Trançando cabelos, belezas e afetos entre as gerações de mulheres; A escola como espaço de preconceitos e, por último, Para compor um acervo literário na escola. A partir das análises foi possível verificar que a literatura voltada para o público infantil pode desempenhar um papel fundamental para o empoderamento das crianças negras, marcadas pelo racismo e o preconceito. Daí a importância das/os professoras/es que atuam na educação infantil assumirem essa dimensão político-pedagógica em suas escolhas, ao proporcionarem o contato com determinadas obras que abordam a pertença racial das meninas negras.

**Palavras-chave:** Literatura. Infâncias. Relações etnicorraciais. Educação Infantil.

## SUMARIO

<b>1. DAS TRAJETÓRIAS E INQUIETAÇÕES DE UMA MENINA/PROFESSORA NEGRA .....</b>	<b>11</b>
<b>2. DIALOGANDO COM AUTORES/AS SOBRE O CONCEITO DE RAÇA, BRANQUIDADE, BRANQUITUDE NO CAMPO DAS RELAÇÕES ETNICORRACIAIS.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1“CABELO, CABELEIRA, CABELUDA, DESCABELADA”: UM MARCADOR IDENTITÁRIO IMPORTANTE PARA A CONSTITUIÇÃO DAS FEMINILIDADES .....</b>	<b>20</b>
<b>3 LITERATURA INFANTIL E O TEMA DOS CABELOS CRESPOS .....</b>	<b>26</b>
<b>4 TRANÇANDO METODOLOGIAS .....</b>	<b>29</b>
<b>4.1 RESUMOS DOS LIVROS SELECIONADOS.....</b>	<b>33</b>
<b>5 CRESPOS QUE CONTAM HISTÓRIAS.....</b>	<b>38</b>
<b>5.1 CABELOS QUE RESGATAM AS HISTÓRIAS DOS ANTEPASSADOS....</b>	<b>38</b>
<b>5.2 TRANÇANDO CABELOS, BELEZAS E AFETOS ENTRE AS GERAÇÕES DE MULHERES.....</b>	<b>40</b>
<b>5.3 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE PRECONCEITOS .....</b>	<b>42</b>
<b>5.4 PARA COMPOR UM ACERVO LITERÁRIO NA ESCOLA.....</b>	<b>44</b>
<b>6 PARA ENTRELAÇAR OS FIOS .....</b>	<b>47</b>
<b>7 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- BONECAS DE PANO (ARQUIVO DA REDE SOCIAL DA PÁGINA) .....	23
FIGURA 2 - FOTOS DA CAMPANHA .....	23
FIGURA 3 - CAPA LIVRO "BETINA" .....	33
FIGURA 4 - CAPA LIVRO "OS TESOUROS DE MONIFA" .....	33
FIGURA 5 - CAPA LIVRO "PEPPA" .....	34
FIGURA 6 - CAPA LIVRO "O MUNDO COMEÇA NA CABEÇA".....	34
FIGURA 7 - CAPA LIVRO "O CABELO DE CORA" .....	34
FIGURA 8 - CAPA LIVRO "CABELO COM JEITO DIFERENTE" .....	35
FIGURA 9 - CAPA LIVRO "DANDARA SEUS CACHOS E CARACÓIS" .....	36
FIGURA 10 -CAPA LIVRO "MEU CRESPO É DE RAINHA" .....	36
FIGURA 11 -CAPA LIVRO "ESCOLA DE PRINCESAS RECATADAS" .....	36
FIGURA 12 - ILUSTRAÇÃO MEU CRESPO É DE RAINHA .....	41

## 1. DAS TRAJETÓRIAS E INQUIETAÇÕES DE UMA MENINA/PROFESSORA NEGRA

Minha trajetória escolar na educação infantil e na educação básica teve início em uma escola municipal de periferia localizada na Zona Norte da cidade de Porto Alegre, com grande número de estudantes oriundos de classes populares, miscigenados e negros assim como eu. Minha família por parte de mãe tem origem indígena e branca e por parte de pai descendente de negros.

Em relação ao tema objeto deste estudo, cabe dizer que tenho somente uma única recordação na escola sobre povos que deram origem à minha raça, quando estudamos na semana do folclore a lenda do Saci-Pererê. Em casa também não tive acesso a nenhum livro de literatura infantil sobre o tema, pois minha família não tinha condições de me proporcionar tais artefatos culturais.

Não aceitava meu cabelo crespo, que era diferente dos cabelos lisos da minha mãe. Além disso, eu era motivo de piada na escola e até mesmo de alguns familiares da família. Quando completei 13 anos fiz alisamento nos cabelos. Lembro-me que tinha um cheiro muito forte, pois o produto aplicado era à base de soda. Esta dificuldade em aceitar os cabelos cacheados e crespos se expressa através de muitas ações preconceituosas e racistas, que tentam “ajeitar” os cabelos crespos e cacheados das meninas negras, como aconteceu no episódio da menina Izabella<sup>1</sup> de 8 anos, que ao visitar o pai, teve seus cabelos cortados e alisados pela madrasta, sem autorização da mãe. O pai, ao ser questionado, afirmou: “cabelo cresce”. O título deste trabalho, sugerido pela minha orientadora, faz referência, portanto, a este triste episódio. A frase proferida pelo pai da menina, tenta minimizar o problema, negando a existência do racismo estrutural no qual estamos imersos na sociedade brasileira.

Já dentro da Universidade comecei a não me importar mais com a opinião dos outros, iniciando então o processo de transição capilar, momento em que abandonamos os alisamentos para retornar a exibir os fios em sua formatação original: ondulada, cacheada ou crespa. A transição capilar tem sido um ato de

---

<sup>1</sup> Reportagens: [https://oglobo.globo.com/sociedade/caso-de-menina-que-teve-cabelo-alisado-pela-madrasta-geraindignacao22846917?utm\\_source=feedburner&utm\\_medium=feed&utm\\_campaign=Feed%3A+oglobosofatos+%28OGlobo%29](https://oglobo.globo.com/sociedade/caso-de-menina-que-teve-cabelo-alisado-pela-madrasta-geraindignacao22846917?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+oglobosofatos+%28OGlobo%29) - <https://extra.globo.com/noticias/mae-faz-desabafo-nas-redes-apos-madrasta-alisar-cabelo-de-enteada-sem-autorizacao-22844178.html>. Acesso em 12/11/2018.

resistência por parte e muitas mulheres negras, como um processo de auto aceitação, amor próprio e autoconhecimento.

Outra inquietação já como estagiária na rede municipal de ensino que me deixou muito angustiada foi perceber que mesmo com a Lei nº 10.639<sup>2</sup> e 11.645<sup>3</sup>, do ano de 2003 e 2008, que tornou obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas, o que temos visto na prática são discussões pouco aprofundadas, que ficam circunscritas apenas ao dia da consciência negra no dia 20 de novembro. Em geral, em grande parte das escolas, este dia é comemorado apenas de modo superficial, como um currículo turístico<sup>4</sup> nas escolas.

Assim, no decorrer do curso Pedagogia, minhas inquietações se tornaram mais evidentes, pois como futura professora queria me aprofundar mais em relação às questões étnico-raciais, tendo como motivação o fato de ter vivenciado na infância essa realidade como aluna negra e pobre, sem acesso à literatura. Cabe salientar ainda que o contato com as discussões promovidas pelo UNIAFRO e na disciplina de literatura infantil, ministrada pela professora Gladis Kaercher, foram fundamentais para qualificar tais discussões, fazendo-me refletir sobre a importância do tema no campo da educação.

Acredito que a escola tem um papel fundamental na formação das crianças, pois é onde se tem acessos aos mais diversos suportes de leitura. Uma prática frequente no planejamento da educação infantil é a contação de histórias. Logo, a literatura para crianças está presente nas situações escolares cotidianamente e se faz necessária uma análise das obras que os/as estudantes em formação leitora têm acesso.

Mas não basta apenas que os personagens sejam negros. É preciso que os livros tenham qualidade literária, ou seja, as histórias precisam ser interessantes e criativas, com enredos instigantes. Não raras vezes é possível observar que embora as histórias sejam caracterizadas como literatura infantil, não passam de livros paradidáticos disfarçados de literatura, pois se limitam apenas a passar lições de

<sup>2</sup>LEI Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm)

<sup>3</sup>LEI Nº 11.645, de 10 de março de 2008.

[http://deg.unb.br/images/dtg/cil/legislacoes/Lei\\_Federal\\_n%C2%BA\\_11.645\\_de\\_10\\_de\\_Mar%C3%A7o\\_de\\_2006\\_Obrigatoriedade\\_de\\_tem%C3%A1tica\\_Hist%C3%B3ria\\_e\\_Cultura\\_Brasileira\\_e\\_Ind%C3%ADgena.pdf](http://deg.unb.br/images/dtg/cil/legislacoes/Lei_Federal_n%C2%BA_11.645_de_10_de_Mar%C3%A7o_de_2006_Obrigatoriedade_de_tem%C3%A1tica_Hist%C3%B3ria_e_Cultura_Brasileira_e_Ind%C3%ADgena.pdf)

<sup>4</sup>SANTOMÉ, Jurjo. **As culturas negadas e silenciadas no currículo**. In: Alienígenas na sala de aula. RJ: Vozes, 1995.

moral, com historinhas simplórias para ensinar, transmitir ou moldar o comportamento infantil. Por exemplo, com o objetivo de promover a proteção do planeta, inventa-se uma historinha sem emoção, sem riqueza de fantasia e de imaginação, mal ilustrada, que impede uma leitura aberta, simplesmente com a pretensão de ensinar as crianças a não jogar lixo no chão. O mesmo ocorre em relação às temáticas etnicorraciais: não basta colocar personagens negros, só para dizer que está fazendo uma leitura engajada e problematizadora. Zilberman (1982), destaca que devemos permitir que o leitor reflita criticamente tanto o sobre o mundo do texto como sobre o seu próprio mundo. Estudos também destacam que um bom livro é aquele capaz de estontear e desacomodar aquele/a que lê, e que este não fique apenas no que foi dito. Uma literatura de qualidade possibilita ao leitor acréscimos ao conhecimento e às relações que ele/a pode estabelecer com o mundo, ou ainda quando a obra possibilita que o leitor se coloque no lugar do outro, mostrando, muitas vezes, semelhanças entre os personagens presentes naquela história. Segundo Corso<sup>5</sup>, a infância mudou muito e as crianças modernas preferem histórias que não tenham embutida a intenção de educá-las. A literatura tem que incentivar nelas a curiosidade, a criatividade e a capacidade de questionamentos e reflexões, ultrapassando os limites didáticos.

Nos últimos anos muitos livros têm sido lançados sobre a temática etnicorracial, assim como têm surgido sites e páginas nas redes sociais que contemplam essas temáticas, mostrando assim a visibilidade que o tema tem ganhado na sociedade brasileira, que serão discutidas no capítulo 2.

Diante desse quadro de visibilidade dos movimentos negros, com iniciativas importantes com vistas ao empoderamento das populações negras, pretendo discutir de que modo os livros de literatura voltados para o público infantil têm problematizado o tema dos cabelos crespos e cacheados, uma vez que é possível perceber uma quantidade considerável de livros que tratam do tema.

A pesquisa tem como objetivo analisar as obras de literatura infanto-juvenil contemporânea, editadas a partir de 2004, após a publicação da Lei 10.639, que tenham meninas negras como protagonistas. Nos interessa responder as seguintes questões: de que modo os livros de literatura infantil contribuem para o empoderamento das meninas negras? Como eles podem favorecer que as crianças questionem suas próprias identidades etnicorraciais? Como a questão do cabelo das

---

<sup>5</sup>Corso DL, Corso M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed; 2006.

meninas/mulheres negras é discutida em tais artefatos culturais? No capítulo dois apresento os conceitos fundantes desta investigação, tais como: raça, branquidade/branquitude, relações etnicorraciais.

Em relação à metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa, a partir da análise documental de nove livros infanto-juvenis, que será discutida no capítulo quatro.

No capítulo cinco apresento as análises dos livros e sugestões para compor um acervo literário para construção de uma educação antirracista.

## 2. DIALOGANDO COM AUTORES/AS SOBRE O CONCEITO DE RAÇA, BRANQUIDADE, BRANQUITUDE NO CAMPO DAS RELAÇÕES ETNICORRACIAIS

Como toda pesquisa bibliográfica, em primeiro lugar busquei referenciais sobre tema a ser estudado, pois segundo Fonseca (2002, p. 32), tal mapeamento deve ser feito:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Durante o desenvolvimento do trabalho me apoiei em alguns autores e autoras para fundamentar os processos históricos, políticos e estéticos no que tange às relações etnicorraciais, como Nilma Lino Gomes (2006, 2008), Kabangele Munanga (2001), Djamila Ribeiro (2018) e Gládis Kaercher (2006, 2010). E todos eles assim como eu, trazem suas escrituras<sup>6</sup>, utilizando a experiência como alimento da escrita. Trata-se, portanto, de escrever sobre o cotidiano, valorizando as nossas experiências de vida, as nossas lembranças e as de nossos antepassados.

A partir destas inquietações e frustrações minhas, resolvi analisar as representações das meninas/mulheres negras no âmbito da literatura infantil, em especial os livros que trouxessem como tema central a questão dos cabelos crespos e cacheados, pois é possível perceber que essa é uma questão recorrente em livros com protagonistas negras: a valorização do cabelo crespo.

É possível perceber que desde a mais tenra infância, as crianças negras, em especial as meninas, se deparam com inúmeras situações de humilhação e preconceito por conta de seus cabelos, nomeados de “ruins”, inadequados, feios. Portanto, os cabelos crespos e cacheados têm sido um dos marcadores identitários<sup>7</sup>, muitas vezes usados como marca de inferioridade, como mostra o relato da

<sup>6</sup> Termo utilizado por Conceição Evaristo em seus livros. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/conceicao-evaristo>

<sup>7</sup> Expressão “marcadores identitários” comumente citada no campo dos Estudos Culturais.

pesquisadora Dinah Beck, em seu Caderno de Anotações (6/4/2011), analisado em sua tese Doutorado (2012, p. 172),

Uma aluna de oito anos de idade da 3ª série chegou à escola de um modo diferenciado naquele dia de aula: estava ela com seus cabelos, que são bem compridos e crespos, lisos. O que mobilizou essa mudança foram situações de deboche, por parte de alguns colegas, chamando os cabelos da menina de “crespos, feios e enredados como os de uma empregadinha”. Dias mais tarde, com a menina indo para a aula com seus cabelos sempre lisos, fiquei sabendo que a mesma havia feito uma “progressivinha de chocolate, sem uso de formol”, conforme relato da sua mãe que também comentou que a menina detestava seus cabelos crespos, pois os mesmos eram diferentes dos cabelos de suas amigas e da própria mãe. Um colega, ao vê-la de cabelos sempre lisos fez o seguinte comentário: “Profe., eu acho que agora, com esse cabelo, ela ficou mais mulher”

Este é só mais um relato de tantas meninas negras que alisam seus cabelos por sofrerem bullying motivado pelo racismo presente na escola, via de regra gestado dentro da própria família, que fomenta determinados preconceitos.

Em diversos artefatos culturais, tais como filmes, novelas<sup>8</sup>, brinquedos, há uma invisibilidade, desprezo ou rejeição de tudo aquilo que diz respeito ao universo negro.

A temática das relações etnicorraciais no contexto brasileiro vem sendo trabalhada na perspectiva das relações de poder expressas por um lado, nos processos de exclusão e, por outro, por demandas que possam reparar esses grupos identitários, invisibilizados socialmente.

Entendo que os livros de Literatura Afro-Brasileira voltados para as crianças, com personagens e protagonistas negros, podem contribuir para a valorização da identidade destas crianças, de modo que elas possam perceber que também podem ser protagonistas, com o resgate e a valorização da cultura negra como um dos elementos formadores da própria cultura brasileira. É importante que os personagens negros retratados nos livros não estejam em situações de desconforto, subalternidade ou sofrimento. Não queremos dentro da escola somente livros com personagens de origem europeia, com princesas brancas, louras, de olhos azuis, frágeis, à espera de príncipes também brancos que irão salva-las.

Gladis Kaercher, em sua tese de doutorado (2006), reflete sobre todas estas

---

<sup>8</sup>Em março de 2018 a novela Segundo Sol, trama de João Emanuel Carneiro, sofreu muitas críticas por colocar como atores/atrizes principais somente pessoas brancas, apesar da trama se passar na Bahia, capital mais negra do país, segundo o Censo 2010. Disponível em: [ftp://geoftp.ibge.gov.br/cartas\\_e\\_mapas/mapas\\_do\\_brasil/sociedade\\_e\\_economia/mapas\\_murais/brasil\\_pretos\\_pardos\\_2010.pdf](ftp://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_do_brasil/sociedade_e_economia/mapas_murais/brasil_pretos_pardos_2010.pdf).

marcas da branquidade presentes nos livros de literatura infantil, onde a cultura branca é vista como algo universal. Em outro artigo a referida autora destaca (2010, p.86) o quanto “a pedagogia da racialização parece educar para a percepção da raça como um atributo do sujeito, observável (visto que pautada pelo fenótipo e por traços tais como a cor da pele, a espessura dos lábios, a largura do nariz, etc.)”. A autora prossegue mostrando que as escolas operam dentro ou a partir de uma lógica de racialização, que ela nomeia como Pedagogia de Racialização. Dentro dessa lógica, se educa para enaltecer e colocar a branquidade como padrão, deixando todas as outras culturas em segundo plano, subordinadas.

Cabe aqui referir que Aimé Césaire<sup>9</sup> usou o termo negritude, criando assim uma similaridade com o termo branquitude, que passou a ser utilizado, segundo Petrônio Domingues (2005, p.4), da seguinte forma:

A palavra négritude em francês deriva de nègre, termo que no início do século XX tinha um caráter pejorativo, utilizado normalmente para ofender ou desqualificar o negro, em contraposição a noir, outra palavra para designar negro, mas que tinha um sentido respeitoso. A intenção do movimento foi justamente inverter o sentido da palavra négritude ao pólo oposto, impingindo-lhe uma conotação positiva de afirmação e orgulho racial.

E também Munanga (1988), coloca a negritude como base na formação da identidade, em oposição à identidade do opressor.

É importante referir que o conceito de raça, embora não tenha sentido do ponto de vista biológico, opera na prática para justificar as discriminações. Segundo o entendimento de Guimarães (1999, p. 64)

“Raças” [são] construtos sociais, formas de identidade, baseadas numa ideia biológica errônea, mas socialmente eficaz para construir, manter e reproduzir diferenças, privilégios. Se as raças não existem num sentido estrito e realista de ciência, ou seja, se não são um fato do mundo físico, elas existem, contudo, de modo pleno, no mundo social, produtos de formas de classificar e identificar que orientam as ações humanas.

---

<sup>9</sup> Em entrevista a René Despestre (1977: 337), Aimé Césaire explica como surgiu o termo negritude: “...Como los antilhanos se avergonzaban de ser negros, buscaban toda classe de perífrasis para designar a un negro. Se hablaba de ‘hombre de piel curtida’ y otras estupideces por el estilo... y entonces adoptamos la palabra nègre como palabra-desafío. Era éste un nombre de desafío. Era um poco de reacción de jovenen cólera. Ya que se avergonzaban de la palabra nègre, puesbien, nosotrosemplearíamosnègre. Debodecir que cuando fundamos L’Étudiantnoiryo queria em realidade llamarloL’Étudiantnègre, pero hubogran resistência em losmedios antilhanos... Algunosconsideraban que la palabra nègreresultaba demasiado ofensiva: por ello me toméla libertad de hablar de negritud (négritude). Había em nosotros una voluntad de desafío, una violenta afirmación em la palabra nègre y em lapalabra negritude”.

Como também observa Kaercher (2003), o conceito de raça permite a compreensão de que racializar a desigualdade complexifica e amplia nossa capacidade de analisar as diferenças e os modos como elas são construídas e representadas na cultura. Cabe ainda considerar que, segundo a referida autora, em nossa cultura, a branquidade tende a ser considerada como um estado “normal, natural e universal”, um padrão pelo qual todo o resto é medido, um cotejo que baliza a avaliação de todos os desvios. Kaercher (2003) prossegue em suas análises dizendo que a branquidade faz parte de uma ficção, um discurso identitário pouco explícito e, não por isso, menos poderoso. Desta forma, levar em conta que a branquidade, no caso brasileiro, implica em uma releitura do conhecimento e dos posicionamentos sobre relações raciais. Em sua tese de doutorado, esta autora mostra ainda o quanto nossa sociedade apresenta de modo ostensivo uma profusão de imagens que corroboram tal situação: *outdoors*, ilustrações dos livros infantis, novelas e programas de TV, publicidade, etc. Imagens que associam a branquidade à beleza considerada padrão, produzindo assim um maior status desses sujeitos.

Para a pesquisadora Nilma Lino Gomes (2010, p. 22-23), o conceito de raça traz

[...] um significado político e identitário construído com base na análise do tipo de racismo que existe no contexto brasileiro, as suas formas de superação e considerando as dimensões histórica e cultural a que esse processo complexo nos remete. Não podemos negar que, na construção das sociedades, na forma como os negros e os brancos são vistos e tratados no Brasil, a raça tem uma operacionalidade na cultura e na vida social. Se ela não tivesse esse peso, as particularidades e características físicas não seriam usadas por nós para classificar e identificar quem é negro e quem é branco no Brasil. E mais, não seriam usadas para discriminar e negar direitos e oportunidades aos negros em nosso país.

Trata-se, portanto, de um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação (MUNANGA, 2003).

Parafraseando Simone de Beauvoir, Neusa Santos Souza (1990, p.77), diz que ser negro no Brasil é tornar-se negro. Assim, para entender o “tornar-se negro” em um clima de discriminação é preciso considerar como essa identidade se constrói no plano simbólico. Refiro-me aos valores, às crenças, aos rituais, aos mitos e em especial à linguagem.

Ribeiro (2018) destaca que é necessário criar estratégias de empoderamento no cotidiano e em nossas experiências habituais, no sentido de reivindicar nosso

direito à humanidade. Nessa perspectiva, isto significa o comprometimento com a luta pela equidade. Como ainda mostra Ribeiro<sup>10</sup>, parafraseando bell hooks, o empoderamento diz respeito a mudanças sociais numa perspectiva antirracista, antielitista e antissexista, por meio das mudanças das instituições sociais e das consciências individuais.

Para Candau (2011, p. 4),

O “empoderamento” tem também uma dimensão coletiva, apoia grupos sociais minoritários, discriminados, marginalizados etc., favorecendo sua organização e participação ativa em movimentos da sociedade civil. As ações afirmativas são estratégias que se situam nesta perspectiva. Visam melhores condições de vida para os grupos marginalizados, a superação do racismo, da discriminação de gênero, da discriminação cultural e religiosa, assim como das desigualdades sociais.

No entanto, como ressalta Gladis Kaercher (2018)<sup>11</sup>, quando analisamos a questão da pertença (seja ela racial, sexual, de gênero, de corporeidade, religiosa, etc.), precisamos avançar no sentido de criar teorizações, aprofundá-las, debatê-las, complexificando ainda mais o debate. Isto significa dizer que a pertença não se constitui necessariamente em fundamento para as discussões acadêmicas de um determinado tema. Ou seja, a pertença é uma circunstância importante, mas não suficiente. Tal circunstância, para se tornar acadêmica, precisa se transformar em teorização e apropriação de conceitos e autores/as. Caso contrário, ela será apenas uma militância desprovida de cientificidade.

Por esta razão, o trabalho que aqui apresento, tendo como principal motivação minhas vivências de mulher negra e as lembranças da minha infância traz o esforço de teorizar sobre alguns temas que considero fundamentais para problematizar determinados preconceitos, causados pelo racismo que atinge as crianças, em especial as meninas negras desde a mais tenra infância.

---

<sup>10</sup> Fonte: <cartacapital.com.br>

<sup>11</sup>Apontamentos do Curso de Extensão "Diálogos sobre a Educação para as Relações Étnico-raciais e a Educação Básica" e de aula realizados na disciplina obrigatória de ERER – Educação para as relações etnicorraciais. – da FACED/UFRGS.

## 2.1“CABELO, CABELEIRA, CABELUDA, DESCABELADA”: UM MARCADOR IDENTITÁRIO IMPORTANTE PARA A CONSTITUIÇÃO DAS FEMINILIDADES

Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada  
 Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada  
 Quem disse que cabelo não sente  
 Quem disse que cabelo não gosta de pente  
 Cabelo quando cresce é tempo  
 Cabelo embaraçado é vento  
 Cabelo vem lá de dentro  
 Cabelo é como pensamento  
 Quem pensa que cabelo é mato  
 Quem pensa que cabelo é pasto  
 Cabelo com orgulho é crina  
 Cilindros de espessura fina  
 Cabelo quer ficar pra cima  
 Laquê, fixador, gomalina  
 Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada  
 Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada  
 Quem quer a força de Sansão  
 Quem quer a juba de leão  
 Cabelo pode ser cortado  
 Cabelo pode ser comprido  
 Cabelo pode ser trançado  
 Cabelo pode ser tingido  
 Aparado ou escovado  
 Descolorido, descabelado  
 Cabelo pode ser bonito  
 Cruzado, seco ou molhado.

(Arnaldo Antunes)

Em reportagem (2017) publicada no ano passado foi possível constatar o quando os cabelos são uma questão crucial na constituição das feminilidades no contexto brasileiro.

A venda por produtos para cabelo cresceu 5% e que as multinacionais ocuparam as quatro primeiras posições do mercado brasileiro de cabelos em 2016, com fatia de 59,4%, ante 54,2% em 2015, segundo a Euromonitor. A primeira brasileira a figurar na lista, em quinto lugar, é a Embelleze, com fatia de 5,6%. Como o consumo de produtos para cabelos ocorre principalmente nos supermercados e farmácias, a Natura aparece apenas na sétima posição, com 3%. A Coty entrou na lista das maiores do setor após a aquisição da divisão de cosméticos da Hypermarchas, fabricante das tinturas Biocolor e dos xampus Monange; além disso, adquiriu marcas de beleza da P&G como Wella, Koleston e Wellaton. As duas compras foram anunciadas em 2015<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> Reportagem: <https://www.valor.com.br/empresas/5010938/venda-de-produtos-para-cabelos-deve-crescer-5-ao-ano-ate-2021>. Destaco aqui que a Embelleze é a empresa que mais possui produtos para os cabelos crespos.

Várias tecnologias têm sido desenvolvidas nos últimos anos voltadas em especial para o tratamento e embelezamento dos cabelos femininos. Com a ascensão econômica das mulheres em geral, incluindo também parte das mulheres negras, houve um movimento que resultou em investimentos significativos da indústria de cosméticos, em especial os alisamentos: escovas progressivas de chocolate, inteligente, marroquina, indiana, chantilly, cristal, acetinada, escova definitiva, alisamento fotônico, relaxamento para os cabelos armados ou com frizz, além da venda de chapinhas e secadores de cabelo cada vez mais sofisticados, que prometem embelezamento rápido e eficiente. Além disso, há hoje no Brasil inúmeros salões de beleza em todos os bairros, dos mais ricos aos mais pobres, assim como lojas de cosméticos voltadas para os cabelos, etc. A publicidade investe pesado na divulgação de xampus, condicionadores, cremes, etc. e mais recentemente tem havido um investimento significativo por parte das empresas de cosméticos para atender as especificidades das mulheres negras, desenvolvendo linhas específicas de produtos para esse público.

Nos últimos anos tem sido possível notar inúmeros movimentos de mulheres se contrapondo a essa ditadura da beleza, que tentativa impor um determinado padrão. Há, por exemplo, muitos grupos no facebook, no instagram ou blogs e youtubers<sup>13</sup> que estimulam os processos de transição. Em 2015, por exemplo, houve a primeira marcha nacional de valorização da estética negra, denominada pelo movimento de Marcha do Orgulho Crespo BR, em que mulheres saíram para as ruas a fim de defender a valorização do cabelo crespos e cacheados, demonstrando a necessidade de se libertarem do padrão de beleza que não representa a maioria das mulheres brasileiras. Já em 2017, pela primeira vez no Brasil, as buscas no Google por cabelos cacheados superaram a procura por cabelos lisos. Os dados foram divulgados pelo buscador, que ainda revelou um crescimento de 232% na busca por cabelos cacheados no último ano. Na mesma tendência, o interesse por cabelos cacheados e crespos subiu 309% nos últimos dois anos<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup>Rayza Nicácio – @rayzanicacio // Ana Lídia Lopes – @analidialopes// YuliBalzak – @yulibalzak// Maju Silva – @majusilvaoficial// Gill Vianna @coisasdeumacacheada

<sup>14</sup>Fonte: <https://www.geledes.org.br/pela-primeira-vez-no-brasil-buscas-no-google-por-cabelo-cacheado-superam-as-por-cabelo-liso/>.

É possível então perceber que o protagonismo negro tem sido dado em várias esferas. Alguns exemplos disso envolvem iniciativas na área da produção de brinquedos e também na área das publicações, em programas de TV ou no youtube, dentre outras iniciativas. Dentre todas essas ações voltadas para a população negra nos últimos anos, destaco os seguintes projetos:

- 100 livros com protagonistas negras:

<<https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/11058/projeto-lista-100-livros-com-protagonistas-negras>>

O referido projeto teve início em 2016, idealizado por Luciana Bento, especializada em literatura negra, com um olhar especial para a literatura infantil. Luciana acredita que o acesso a esse material pode mudar a infância de todas as crianças, negras ou não. A intenção com o projeto é contribuir para a diminuição do preconceito racial e de gênero. Restringir a busca a personagens femininas, segundo ela, foi o viés inicial da motivação.

- #Negada

<[https://www.youtube.com/results?search\\_query=%23Negada](https://www.youtube.com/results?search_query=%23Negada)>

Teve início em 2016, um programa apresentado por três mulheres negras Nataly Barreto, Bia Machado e Ju Mota na TV Web do Sistema Jornal do Comercio de Comunicação. Era para ser só um programa especial do Dia da Consciência Negra, porém a boa receptividade nas redes sociais e o alcance em mais de 23 mil pessoas comprovando que o programa precisava ser fixo. Nataly, uma das apresentadoras, destaca “que o objetivo principal é mostrar o que sofremos - o que vivemos. E cabe a cada um formar sua opinião a partir destes debates”. Um programa traz diversos temas com relação ao Movimento Negro.

- Maraia's Bonecas de Pano

<<https://www.facebook.com/maraiasbonecasdepano/>>

O projeto das bonecas de pano, voltado principalmente para o público infantil, tem encantado adultos de todas as idades. Leva o nome de Maraia's Bonecas de Pano, em homenagem a uma das sobrinhas da estudante de Psicologia Liliane Regini



FIGURA 1- BONECAS DE PANO (ARQUIVO DA REDE SOCIAL DA PÁGINA)

Lemos de Oliveira Moraes, Maraia, de 14 anos, que passou por um episódio de racismo na escola quando era pequena, o que motivou a autora do projeto a dar início a confecção de bonecas (Figura 1). Liliane acredita que é “uma forma de combater o racismo e a discriminação racial senão pela disseminação do amor e do afeto, do sentimento de igualdade desde os primeiros anos de vida. As bonecas negras atuam positivamente na capacidade de

compreensão da criança, na medida que lhe mostram que a figura humana pode ser linda, digna de carinho e afeição independentemente da cor de sua pele ou etnia”.

- World Afro Day

<<http://www.worldafroday.com/>>

A Ogilvy UK, a Wavemaker e o Dia Mundial do Afro se uniram para uma nova campanha de conscientização chamada de Change the Facts, Not the Fro (Mude os Fatos, Não o Afro) para o Dia Mundial Afro de 2018. O evento fundado por Michelle De Leona visa ajudar a mudar a narrativa sobre o cabelo crespo natural.

Em 5 de setembro de 2016, um tribunal federal dos EUA determinou a proibição de dreadlocks no local de trabalho, proibição que perpetua o preconceito contra o cabelo crespo.

A campanha foi elaborada por uma equipe internacional que trabalha em Londres e Singapura, dirigida por uma equipe central da Roots, rede de diversidade da Ogilvy. Os quatro temas de pesquisa deste ano foram (Figura 2): 1 em cada 5 mulheres se sentem pressionadas a alisar seus cabelos para o trabalho- apenas 37% das mulheres negras se sentem confortáveis usando um afro ou dreads em um evento social -



FIGURA 2 - FOTOS DA CAMPANHA

apenas 27% das mulheres negras se sentem confortáveis usando dreads para eventos sociais - 78% das pessoas instintivamente preferem cabelo liso.

Em relação ao Brasil, podemos perceber que o cancionário popular está repleto de representações depreciativas sobre o cabelo do negro, em especial das mulheres negras, como sendo um cabelo “ruim”, difícil de ajeitar, que precisa ser ‘domado’, disfarçado, alisado ou escondido.

*“Nega do cabelo duro  
Qual é o pente que te penteia”  
(Anjos do Inferno)*

*“O teu cabelo não nega, mulata”  
(Lamartine Babo)*

*‘Essa tem cabelo Bombril’  
(Paralamas do Sucesso)*

Nós, meninas e mulheres negras crescemos com a imposição desse padrão de beleza. Por isso, muitas vezes mudar o cabelo, alisando-o, pode significar a tentativa de sair do lugar de inferioridade ou a introjeção deste. Para Gomes (2008, p. 8)

O cabelo crespo na sociedade brasileira é uma linguagem e, enquanto tal, ele comunica e informa sobre as relações raciais. Dessa forma, ele também pode ser pensado como um signo, pois representa algo mais, algo distinto de si mesmo. Assim como a democracia racial encobre os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. Mas tal comportamento pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida.

A resistência na estética negra é algo de grande importância para a luta contra padrões da nossa sociedade, a saber, machismos e racismos. Apresenta-se como um modo de se impor e valorizar suas raízes. Porque o cabelo não é um elemento neutro no conjunto corporal. Ele é maleável, visível, possível de alterações e foi transformado, pela cultura, em uma marca de pertencimento étnico/racial (GOMES, 2008).

Como tentei demonstrar anteriormente, nos últimos anos ressurgiu com força um movimento político/estético, em especial por parte das jovens negras, com o objetivo de assumirem os seus cabelos crespos. Assim sendo, temos visto o ressurgimento dos cabelos black power, das boxbraids (tranças), dos dreads, dos turbantes, das tiaras e das faixas, ou ainda os laçarotes e flores adornando os cabelos de meninas e mulheres negras. Também presenciamos cabelos alisados e com luzes

louras para aquelas que assim preferirem. Nem por isso serão menos negras ao escolherem essa estética. Minha reflexão aqui é pensar naquelas crianças e mulheres que não se aceitam por causa dos padrões da sociedade, daí a importância também da literatura infantil para tratar desse tema, já que é na infância, em especial quando começamos a frequentar a escola, que o preconceito se expressa com mais força.

### 3 LITERATURA INFANTIL E O TEMA DOS CABELOS CRESPOS

*A literatura infantil é arte que usa a palavra como linguagem expressiva e como tal deve ser trabalhada. Mais do que um modo de cognição, a literatura é um alimento para alma.*

*(Gladis Kaercher)*

A literatura, segundo Nelly Novaes Coelho (1991, p.8), é um fenômeno de linguagem constituído por uma experiência cultural direta ou indiretamente ligada a determinado contexto cultural, sendo a arte uma relação de aprendizagem e vivência. Em outra obra intitulada *Literatura Infantil: teoria, prática e didática*, a referida autora afirma que a literatura proporciona abertura para a formação de uma nova mentalidade:

Além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo (COELHO, 2000, p. 5).

A literatura foi o principal veículo transmissor de histórias das culturas, transmitidos de geração para geração. Lígia Cademartori, ao escrever para o Glossário Ceale<sup>15</sup>, afirma que a Literatura Infantil é um gênero literário, classificada pela “concepção que a sociedade tem da criança e de seu entendimento do que seja infância” (CADERMATORI, 2014, p. 45).

Bettelheim (1979) traz a importância dos significados na constituição dos sujeitos, apontando os processos de significação como norteadores das diversas etapas da vida humana.

Os livros de literatura devem ser mais que meros transmissores de valores, mais que um recurso didático escolarizado como é visto em muitas das práticas pedagógicas das escolas. A literatura deve ser vista como um fenômeno de

---

<sup>15</sup> O CEALE – Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – da UFMG é um dos grupos mais importantes do Brasil na área de leitura e literatura e criou o Glossário CEALE. Termos de Alfabetização, leitura e Escrita para Educadores, que se constitui em uma importante fonte de pesquisa para os/as docentes, sobre os principais conceitos do campo. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/>

criatividade que representa o mundo, uma expressão cultural, como a valorização da convivência na diversidade com as crianças entre si de todas as culturas, raças, gêneros. A literatura torna-se um meio de comunicação entre o mundo real e o mundo das palavras, um mundo abstrato, este, muitas vezes, não deixando de ser verídico. É preciso entender que a literatura é uma prática de cultura, como mostra Graça Paulino (2011), ao também descrever para o Glossário CEALE já citado aqui. Ela fala que a leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. Isto significa dizer que a literatura deve proporcionar fruição literária, como apontam Ranke e Magalhães (2011, p. 1)

A fruição literária caracteriza-se por seu caráter de gratuidade, não funcional, que implica afetos, imaginação, sentidos e também intelecto, e é, nesse sentido, um fenômeno que envolve, principalmente, a ordem do sensível, sem, contudo, negligenciar aspectos inteligíveis. Nesse sentido a fruição literária é um fenômeno que constitui se, também, como um ato complexo e contraposto às noções simplistas que a identificam como mero ato sensorial, hedonista e esvaziado daquilo que lhe é inerente, ou seja, sua complexidade.

A escola é a instituição responsável pela alfabetização dos indivíduos e que muitas vezes fica responsável de prover as novas gerações das habilidades, conhecimentos, crenças, valores e atitudes considerados essenciais à formação de todo e qualquer cidadão. Dentre essas habilidades, valores e atitudes, destacam-se as relacionadas à formação de leitores e o acesso a diversidade de modos de ler. É função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária; a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição; a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real (SOARES, 2008, p. 33). No que se refere à *leitura literária*, para que ela ocorra de fato, é preciso ter liberdade e respeito pela leitura do outro, pelas suas singularidades. Paulino observa também o quanto a escola procura desenvolver práticas de homogeneização dos corpos e dos comportamentos. Há temas hoje que precisam ser discutidos, como os temas relativos à diversidade, equidade de gênero, questões etnicorraciais que é o meu objetivo aqui. Para Jovino (2006, p.182), “é comum que os povos se orgulhem de suas histórias, tradições, mitos e lendas, pois são expressões de sua cultura e devem ser preservadas”. A afirmação da identidade afro-brasileira, a valorização da ancestralidade africana e das culturas de matriz

africana são elementos fundamentais que orientam as interações culturais e o diálogo entre afro-brasileiros e brancos. Segundo Munanga (2001, p.9),

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessam apenas aos alunos de ascendência negra. Interessam também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos diariamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolveram, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.

Então, assim como Munanga (2001), afirmo que o resgate da memória, das histórias da comunidade negra não interessa apenas aos alunos negros, mas a todos, a fim de ampliarmos o conhecimento e combatermos o racismo, bem como as diversas formas de injustiças sociais dentro e fora da escola. Para tal, devemos levar elementos que possibilitem o diálogo sobre estes temas. Desta forma, a literatura infantil sobre a temática etnicorracial é uma escolha ética e política da maior importância, dentro dos princípios fundamentais dos direitos humanos. No entanto, cabe nos questionarmos até que ponto o conhecimento dessas temáticas poderia coibir de fato as injúrias raciais que humilham as crianças negras desde a mais tenra idade.

#### 4 TRANÇANDO METODOLOGIAS

Trata-se de uma pesquisa de análise documental, pois segundo Sá-Silva et al. (2009, p.11), “a análise é desenvolvida através da discussão que os temas e os dados suscitam e inclui geralmente o *corpus* da pesquisa, as referências bibliográficas e o modelo teórico”.

Optei em analisar livros de literatura contemporâneos voltados para o público infantil, editados a partir de 2004, isto é, após a promulgação da Lei 10.639, que abordassem a temática dos cabelos, pois percebi que havia muitos livros que tratavam dessa questão, com o intuito de propor o empoderamento da existência negra, em especial em relação às meninas. Selecionei então livros que tratassem especificamente da questão dos cabelos crespos, pois na nossa cultura o embelezamento das mulheres e meninas toma uma dimensão muito importante quando se trata dos cabelos na constituição das feminilidades. Os processos de construção/resgate de identidades culturais, dentre elas as etnicorraciais precisam ser problematizados.

Destaco a análise feita por Ione da Silva Jovino (2006), em “*Literatura Infanto-juvenil com personagens negros no Brasil*”, quando a referida autora analisou a produção literária de literatura infantil, demarcando o momento de reconstrução das representações dos personagens negros na literatura infantil e juvenil ao longo das décadas de 70, 80 e 90 do século passado. Jovino buscou uma representação não estereotipada dos afro-brasileiros e de suas culturas, com o intuito de contribuir com os seguintes temas: uma visão diferenciada sobre a África, uma ilustração de personagens afro-brasileiros que não difundam estereótipos negativos e não corrobore para o racismo, uma valorização dos traços e símbolos da cultura afro-brasileira, tais como as religiões de matrizes africanas, ancestralidade e africanidade. A importância de trazer esses livros com protagonistas negros, trazer essas “africanidades”, vai além do Brasil à África (Silva, 2005).

Para tal análise foram selecionados os seguintes livros:

LIVRO	ANO/EDITORA	AUTOR/A	PERSONAGENS	SINOPSES DOS LIVROS
Betina	2009 Ed. Maza Edições	Nilma Lino Gomes	- Betina - Avó	Sobre a cabeça que pensa e recorda nada melhor que colocar tranças. O penteado requer mãos habilidosas e uma grande alegria de reafirmar valores ancestrais. Com esses elementos, é possível entrelaçar cabelos e aproximar cabeças que pensando juntas pensam muito melhor. A lição do penteado, Betina aprendeu da amorosa avó e a avó aprendeu com a mãe dela que aprendeu com outra mãe que tinha aprendido com uma tia. Só que Betina foi além e espalhou a lição para filhas e filhos, mães e avós que não eram os dela. Ela abriu um salão de beleza diferente e ficou conhecida em vários lugares do país. Mas Nilma Lino Gomes tem muito mais detalhes deliciosos dessa linda história.
Os tesouros de Monifa	2009 Ed. Brinque- Book	Sonia Rosa	- Menina (neta) - Vó Abigail - Tataravó Monifa	A menina recebe o tesouro de sua tataravó Monifa no dia do seu aniversário e a partir das ilustrações percebemos os rituais através das modificações de seu cabelo e o embalo das histórias.
Peppa	2009 Ed. Brinque- Book	Silvana Rando	- Peppa - Mãe de Peppa - Cabeleireira	Peppa nasceu assim - linda e cabeluda. Bem no alto da cabeça, lá estava ele, um chumaço de cabelo preto e volumoso, mas não era qualquer cabelo não! Tratava-se do cabelo mais forte do universo, resistentes como fio de aço.

O mundo começa na cabeça	2011 Paulinas	Prisca Agustoni	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Minosse</li> <li>- Lucas e Cida (irmãos de Minosse)</li> <li>- Mãe de Minosse</li> <li>- Avó Janaina</li> <li>- Tias Giogina e Josefina</li> <li>- Tio Zico</li> </ul>	Em muitos países africanos, trançar os cabelos ou fazer penteados é uma arte muito antiga, ensinada de geração em geração. Cada região do continente tem seu estilo e os penteados, geralmente, indicam o status, idade ou etnia do indivíduo. Em O mundo começa na cabeça, Prisca, sem se ater aos códigos sociais, trata dessa arte singular e interessante, sob um olhar poético e lúdico. Na família de Minosse, desde cedo as meninas aprendem a tradição: na hora do banho, as mulheres fazem esculturas com o cabelo, porque para elas "o cabelo feminino é como a raiz da árvore, o lugar onde tudo começa". Para Minosse, essa arte de tecer os fios dá passagem para falar de um mundo mais vasto e intenso. Um mundo de histórias que falam da origem de tudo, em um tempo em que o pensamento começa e acaba na cabeça.
O Cabelo de Cora	2013 Ed. Pallas	Ana Zârco Câmara	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cora</li> <li>- Miriam, colega de escola</li> <li>- Tia Vilma</li> </ul>	Quanto o assunto aparência surge na roda de meninos e meninas é sinal que em pouco tempo uma opinião inocente pode virar uma crítica implacável como só as crianças sabem fazer. Peso, altura, e um simples penteado fora do padrão podem causar problemas se a criança não possuir a autoestima de Cora. Cora é uma menina como as outras, que adora ir à escola e é bastante orgulhosa do seu cabelo. Ele não é liso como o das outras meninas. É crespo como o de sua Tia Vilma e sua avó. Mas talvez O cabelo de Cora não pareça tão belo para suas colegas e ela pode precisar de um empurrãozinho para aprender a amá-lo de novo e a dizer para todo mundo o quanto ele é bonito do jeito que ele é. Cora descobre que seu cabelo é a sua marca. Ela tem cabelo crespo. Você tem cabelo liso. Divirta-se com a história de Cora e faça de sua diferença sua exclusividade.
Cabelo Com Jeito Diferente	2015 Ed. Rovelle	Lúcia Fidalgo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Bia</li> <li>-Mãe de Bia</li> </ul>	Bia é uma garota linda e sensível que vem enfrentando um problema comum a muitas crianças: colegas da escola debocham do seu cabelo, falando que ele é diferente. Essa situação se repete dia após dia e abre uma ferida profunda na menina, que sempre teve o coração leve e um sorriso no rosto. Se antes Bia só queria brincar e se divertir, agora, retraída e com vergonha de ser como é, ela só pensa em se esconder. E agora? O que fazer para ajudá-la a resolver essa questão e recuperar sua auto-estima?

Dandara Seus Cachos e Caracóis	2015 Ed. Mediação	Maíra Suertegaray	- Dandara - Mãe e Pai de Dandara	Os cachos e caracóis da Dandara contam a história de sua família, de seus avós e antepassados. Uma história narrada com sensibilidade e ilustrada com arte e imaginação. Um belo convite aos pequenos e grandes leitores para conhecerem sua própria história e darem valor a todas as pessoas em seus diferentes jeitos de ser e de viver!
Meu Crespo é de Rainha	2018 Ed. Boitatá	bell hooks		O livro "Meu crespo é de rainha" é uma homenagem ao cabelo afro, e ensina as crianças a se orgulharem de sua cabeleira como ela é. Livros como este são "ferramentas para reverter o processo histórico de invisibilidade", como diz Ana Paula Xongani na contracapa do livro. O livro é um poema ilustrado que aborda de forma delicada e elogiosa a diversidade e a beleza dos cabelos crespos e cacheados. Com figuras de linguagem e versos de sonoridade agradável tanto para a leitura autônoma quanto para a audição, o poema associa os cabelos a sensações e imagens positivas. As ilustrações, em aquarela, reforçam o caráter lúdico e afetivo da criação dos penteados. O livro valoriza a descoberta da própria beleza, o cuidado de si e a vida em família.
Escola de princesas recatadas	2018 Ed. Callis	Eliandro Rocha	- Sofia - Mãe (rainha) - Pai (rei) - Diretora da escola - Dragão - Valentino (príncipe costureiro)	Para ser uma princesa é preciso ter longas tranças, usar sapatinho de cristal ou ficar à espera de um príncipe encantado, mas Sofia não queria nada disso. Ela queria mesmo era escrever a sua própria história. O livro Escola de Princesas recatadas busca, de uma forma bem-humorada, quebrar estereótipos e nos contar a história de uma princesa questionadora e corajosa, que coloca as convenções à prova enquanto vive a sua aventura.

#### 4.1 RESUMOS DOS LIVROS SELECIONADOS

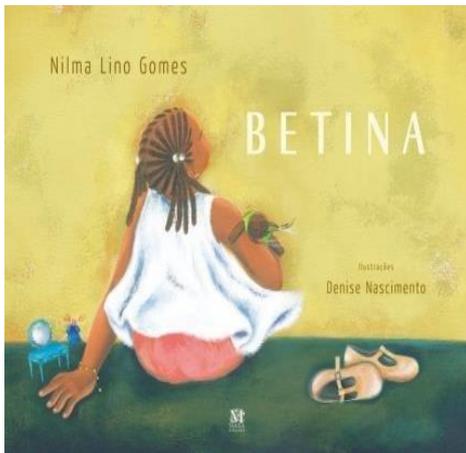


FIGURA 3 - CAPA LIVRO "BETINA"

Nilma Gomes, em *Betina* (Figura 3) trata do cabelo e ousa de tranças como uma técnica corporal que acompanha a história do negro desde a África. A avó de Betina é que faz as tranças, e enquanto trança, vai contando belas histórias para a neta. O tempo foi passando e Betina crescendo, a avó envelhecendo e prestes a encontrar seus ancestrais como conta a história, deu um presente para neta, o presente foi ensinar a fazer tranças. Vejamos um trecho:

Na história da minha família, a arte das tranças foi ensinada de mãe para filha, de tia para sobrinha, de avó para neta e assim por diante. É uma forma muito comum de ensinar e aprender presente na história de muitas famílias brasileiras (e também de outros países), principalmente as negras. (p.22)

Sonia Rosa, em *Os Tesouros de Monifa* (Figura 4), fala de uma menina que recebe o tesouro de sua tataravó Monifa no dia do seu aniversário. Nas ilustrações feitas por Rosinha percebemos os rituais através das modificações de seu cabelo e o embalo das histórias, que apresentam com delicadeza a realização dos penteados que passaram de geração em geração, como traço cultural. Vejamos um trecho:

“Não sei quanto tempo demorei ali sozinha, quer dizer, sozinha não, com aquelas lembranças... De repente, vi minha mãe e minha vó Abgail na minha frente, pentes nas mãos, preparadas para trançar o meu cabelo. Por causa do meu aniversário, elas iam enfeitando minhas tranças com elástico” (p.27).

“Enquanto elas caprichavam no meu cabelo, iam também cantarolando umas cantigas muito antigas que pareciam ter saído da caixa da tataravó Monifa” (p.29).

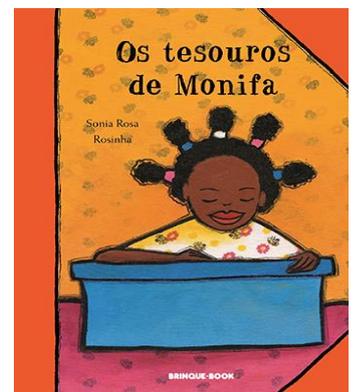


FIGURA 4 - CAPA LIVRO "OS TESOUROS DE MONIFA"

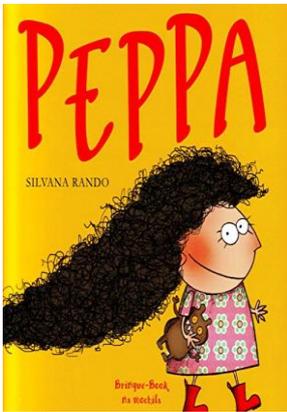


FIGURA 5 - CAPA LIVRO  
"PEPPA"

O livro *Peppa* (Figura 5), de Silvana Rando, conta a história de Peppa, uma menina que nasceu cabeluda e com cachos muito resistentes. O livro conta que seus cabelos eram tão fortes que ela poderia até brincar de cabo de guerra, tão "resistentes como fios de aço" (p.4). Porém, certo dia Peppa olhou o seguinte cartaz:

"Tratamento Intensivo! Alisamos e tratamos qualquer tipo de cabelo, inclusive o seu! Satisfação Garantida ou seu dinheiro de volta" (p.11)

Peppa então pegou todas as suas economias e foi para o salão de beleza, saindo de lá com um enorme sorriso no rosto, mas também com uma enorme lista de proibições (p.17). E o tempo foi passando e Peppa não podia fazer nada do que fazia antes, ir à feira, brincar. Com calor e irritada, saiu correndo gritando (p.25) e se jogou na piscina. Foi então que seus cabelos voltaram a ser o que eram antes.

Em *O mundo começa na cabeça* (Figura 6) de Prisca Agustoni, a personagem.



FIGURA 6 - CAPA LIVRO "O MUNDO COMEÇA  
NA CABEÇA"

Minosse aprendeu desde de cedo a tradição da família de tratar o cabelo, pois para elas o cabelo feminino é como raiz da árvore, o lugar onde tudo começa, quanto mais crespo o cabelo, mais próximo fica as histórias que os antigos contavam. Para cada dia, para cada tipo de cabelo, curto, longo, volumoso ela tem um segredo no penteado. No começo ela imitava o penteado das tias, com o tempo foi inventando:

"O cabelo é como nosso coração: ele traz muitas mensagens, que não podemos recusar-nos a ouvir" (p.13).

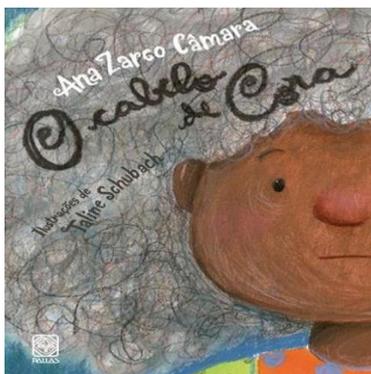


FIGURA 7 - CAPA LIVRO "O CABELO  
DE CORA"

Fazer penteados afros é visto como uma tradição da família, que trouxe muitas felicidades para Minosse:

"Uma delas é descrever os penteados que cria, compartilhando com os outros dessa forma, sua sabedoria, riscada nos dedos" (p.20)

Cabelo de Cora, de Ana Zarco Câmara (Figura 7), já no início da história mostra que Cora aparece um pouco triste e intrigada, pois na escola sua amiga Miriam disse que ela deveria

usar uma fita no cabelo, porque ele era cheio e enrolado. Por isso, quando solto, ficava feio e desarrumado. Miriam ainda ensinou como Cora deveria cuidar do cabelo: "lavar com água fria, pentear até ele ficar bem liso e prender o cabelo com uma fita". "A amiga ainda diz que só falou aquilo por que o cabelo de Cora "era ruim", mas ela era boazinha" (p.9)

Cora resolve então conversar com sua tia Vilma, que lhe ensina que cabelo bom não é cabelo liso, e que todos nós somos como flores - cada um com sua cor, cada um de um jeito, o que falta em um no outro está presente. Também mostra para Cora uma foto da avó Ana, uma africana. Depois da conversa Cora foi se olhar no espelho, e no reflexo viu a imagem da amiga Miriam, que viu a bobagem que tinha dito, e foi lá para se desculpar. Cora conta para a amiga da conversa com a tia e ensina que melhor do que o cabelo preso com uma fita, é o cabelo solto, arrumado com capricho. E agora a Miriam sabe que o cabelo da Cora faz parte da sua beleza.

Cabelo com jeito diferente (Figura 8) de Lúcia Fidalgo, conta a história de Bia que não gostava de seu cabelo, porque achava com jeito diferente, cabelo de vassoura como chamava! (p.7) Sempre prendia o cabelo, pois quando o vento ventava, todos gritavam: Juba de leão! (p.9). Não aguentava mais ouvir: cabelo enrolado,

embaraçado e bagunçado! (p.12), que não queria mais levantar da cama. Chegou a adoecer, teve febre, dor de barriga – exclamou para sua mãe:

"Mãe, troca meu cabelo!" (p.15).

Até que um dia na escola estavam escolhendo uma criança para fazer propaganda e faziam algumas exigências: tinha que ser menina e ter cabelo grande com um jeito diferente, Bia nem pensou em se

apresentar. Mas foi chamado aos gritos, fingiu que nem escutou. Mas alguém foi até ela e levou a Mão. Bia deixou a timidez de lado, dançou, cantou e foi escolhida. Depois desse dia nunca mais sentiu vergonha de ser como era. Seu cabelo virou moda e todas passaram a copiar o que a menina usava.



FIGURA 8 - CAPA LIVRO "CABELO COM JEITO DIFERENTE"

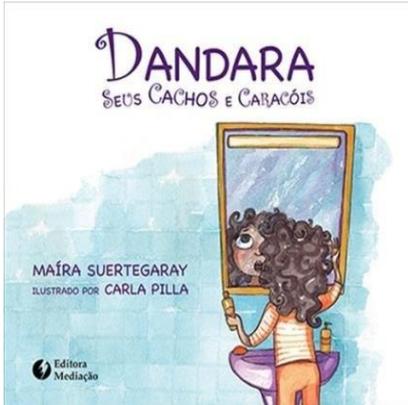


FIGURA 9 - CAPA LIVRO "DANDARA SEUS CACHOS E CARACÓIS"

No livro *Dandara* (Figura 9), de Maíra Suertegaray, a menina, personagem principal que dá nome ao livro, não está feliz com seu cabelo, porém a mãe mostra que os cachos e caracóis da Dandara contam a história de sua família, de seus avós e antepassados. A narrativa passa por várias histórias, fala das origens dos antepassados.

No livro *Meu Crespo de Rainha* (Figura 10), bell hooks escreve de forma rimada: "para menininha do cabelo lindo e cheiro doce – macio como algodão, pétala de flor ondulada e fofa, cheia de chamego e de aconchego – Uma tiara, uma coroa, cobrindo cabeças cheias de estilo – Pode ser moicano pro alto ou jogado pra baixo, amarrado com pompom cortado bem curtinho ou livre, leve e solto ao sabor do vento! Cabelo para pentear, enfeitar, enrolar e trançar ou deixar como está. Pixaim, sim!" (p.20)

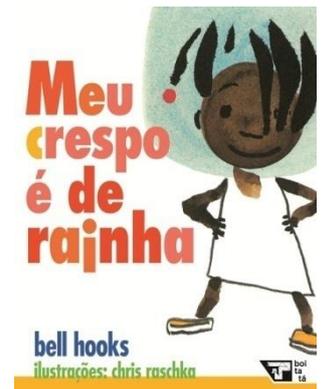


FIGURA 10 - CAPA LIVRO "MEU CRESPO É DE RAINHA"

E por último, a obra de Eliandro Rocha, intitulada *Escola de Princesas Recatadas* (Figura 11), que foi o último livro selecionado, pois o encontrei na 64ª feira do livro de Porto Alegre (1 a 18 de novembro de 2018), depois de percorrer praticamente todas as barracas de literatura infantil.

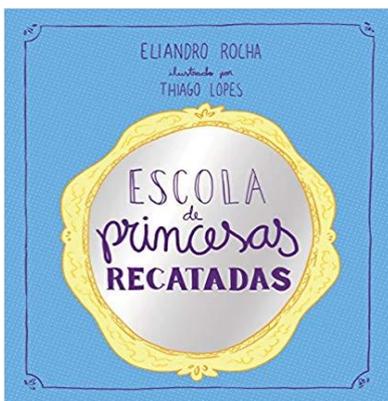


FIGURA 11 - CAPA LIVRO "ESCOLA DE PRINCESAS RECATADAS"

O livro conta as aventuras de Sofia, uma princesa que gostava de andar com os pés descalços, sentir o vento brincar nos cabelos e sonhava voar algum dia. Sua mãe a achava recatada para uma princesa, então resolveu ajudar colocando a menina em uma escola de Princesas Recatadas. O livro também critica os contos de fadas com princesas brancas, louras, de olhos azuis, frágeis, à espera de príncipes também brancos que irão salva-las. A alusão aos contos de fadas tradicionais é feita com sutileza, deixando o livro instigante. Na escola de princesas recatadas Sofia passa por diversos desafios, como aprender a tomar chá, porém ela só que gostava de suco.

Mesmo assim segurou a xícara e bebeu, mas não conseguiu engolir e acabou lançando na colega do lado. A diretora a levou para uma sala onde ficou sozinha para que refletisse. O segundo desafio eram as aulas de canto para atrair pássaros, porém Sofia atraiu um dragão que ocasionou gritaria e desmaios. E suas tranças de raiz não foram aceitas, pois impossibilitava os príncipes de escalar. A menina também não queria dormir por semanas e ser despertada com um beijo e não queria andar sobre salto de cristal. Foi aí que ela desistiu de ser recatada.

Subiu no seu amigo dragão e voou para sua casa, dizendo à sua mãe que não queria ser princesa, mas apenas uma menina. (p. 24).

## 5 CRESPOS QUE CONTAM HISTÓRIAS

Para estabelecer uma análise dos livros não basta apenas descrevê-los, mas é preciso se debruçar sobre eles, lendo e relendo inúmeras vezes, observando cada palavra, cada ideia ali apresentada, as personagens, suas visões de mundo ali expressas, os silêncios, aquilo que não é dito. As ilustrações também se constituem como parte importante deste processo de comunicar uma ideia, traduzindo em imagens aquilo que o/a autor/a quis comunicar.

Selecionei nove livros de literatura que me pareceram mais significativos em relação à temática dos cabelos crespos, estabelecendo as seguintes categorias de análise: Cabelos que resgatam as histórias dos antepassados; Trançando cabelos, belezas e afetos entre as gerações de mulheres; A escola como espaço de preconceitos e por último Para compor um acervo literário na escola.

### 5.1 CABELOS QUE RESGATAM AS HISTÓRIAS DOS ANTEPASSADOS

Alguns dos livros analisados procuram fazer um resgate da história dos negros e negras que foram tirados à força de seus países de origem para serem escravizados. As Diásporas Africanas se constituíram em um fenômeno histórico e social, caracterizado pela imigração forçada de homens e mulheres do continente africano.

No livro *Os tesouros de Monifa*, enquanto trançam os cabelos das meninas, como numa espécie de ritual não só de embelezamento, mas de rememoração das lutas de seus antepassados, é possível notar o quanto tais *momentos são permeados de afeto e resgate da própria história*:

- *Minha avó Abgail sempre me falou da bisavó dela que veio da África num navio negreiro quando era bem mocinha.*

E a tataravó que foi tirada de sua terra, acumulou um tesouro ao longo da vida que eram os escritos que passavam de geração para geração, e era a vez dela conhecer. Vejamos alguns trechos:

- *As raízes de vocês estão na minha África. Por isso devem amar esse lugar como todo a força do amor que mora no fundo do coração de vocês. É lá encontrarão e a toda nossa gente. (p.20)*

- *Quanto alegria, depois de tantos anos, conhecer seus sonhos, suas simpatias, suas rezas, algumas partes das músicas preferidas dela, as esperanças, os sustos, e ainda as notícias da época em viveu... (p.9)*

- *O encontro do passado com presente tem embalado esse tesouro valioso da minha família. (p.10)*

Interessante notar que a história não fala especificamente do cabelo, mas nas ilustrações percebemos os rituais através das modificações de seu cabelo e o embalo das histórias, que apresentam com delicadeza a realização dos penteados que passaram de geração em geração, como traço cultural e um ritual das famílias.

O livro *Dandara, seus cachos e caracóis*, notamos também um resgate das histórias da ancestralidade negra, valorizando os cabelos encaracolados, herdados dos familiares: uma mistura dos pais, avós.

- *Os cabelos da Dandara contam a história de uma menina de cabelos amarelos e de -um menino de cabelo preto. Eram duas pessoas diferentes: Ela tinha pele branca, olhos verdes e cabelos ondulados, e ele, pele negra, grandes olhos castanhos e os cabelos bem crespinhos. (p.25)*

Também “O mundo começa na cabeça” faz um resgate dos antepassados, que era feita através de contação de histórias pelas mulheres da casa:

- *A menina sorriu, feliz por participar dessa festa em casa, sempre que as mulheres armam o palco do cabelo e contam histórias vindas de muito longe, do outro lado do mundo. Histórias que falam da origem de tudo, num tempo e num lugar onde beleza e pensamento começam e acabam na cabeça (p.23).*

Contar a história dos antepassados, das nossas origens, é fundamental para a valorização de um povo e sua cultura. Neste sentido, a lei 10.639/2003 demarca a importância de conhecermos e estudarmos sobre aqueles/as que nos antecederam, as trajetórias que tiveram, as injustiças que sofreram, o legado que deixaram, seja na língua, nas festas, nos costumes.

## 5.2 TRANÇANDO CABELOS, BELEZAS E AFETOS ENTRE AS GERAÇÕES DE MULHERES

Durante a leitura dos livros, notei que alguns tinham algo muito interessante e comum nas famílias negras: o papel das mulheres no cuidado com os cabelos das filhas e netas. Quanto afeto ali envolvido, me fazendo lembrar da minha própria história, quando minha mãe e minha madrinha me penteavam, fazendo questão de me dizer elogios, pois elas já sabiam o que eu sofreria com alguns apelidos na escola.

O livro *Betina* fala de tranças, um dos penteados mais usados na primeira infância pelas meninas, uma técnica corporal que acompanha a história do povo brasileiro. Em algumas culturas africanas, por exemplo, a trança era usada como uma ferramenta de linguagem, uma arte corporal que foge aos padrões de beleza rigidamente estabelecidos. No referido livro a avó era quem trançava os cabelos da neta, que ficava maravilhada com as tranças.

*- Adorei essas, vó! Ficaram ainda mais diferentes! Gritava a menina, enquanto pulava no pescoço da avó, dando-lhe beijinho. (p.8)*

*- Os cremes que avó usava para lavar o cabelo de Betina eram tão cheirosos! (p.10)*

No livro *Os Tesouro de Monifa*, também notamos este afeto, no cuidado com os cabelos da mãe e da avó, inclusive é a única parte do livro que fala especificamente de cabelos crespos:

*- De repente, vi minha mãe e minha vó Abgail na minha frente, pentes na mão, preparadas para trançar o meu cabelo (p.27).*

*- Enquanto elas caprichavam no meu cabelo, iam também cantarolando umas cantigas muito antigas que pareciam ter saído da caixa da tataravó (p.29).*

A obra *O mundo começa na cabeça*, as mulheres são retratadas como pessoas cuidadosas com a aparência, atribuindo um papel importante no ritual de embelezamento dos cabelos:

*- Nessa casa de mulheres, Minosse aprendeu, desde cedo, a encenação das palavras, adereços preciosos que enfeitam o tempo. O milagre da transformação da palavra em gestos acontece principalmente na hora do banho, hora de encanto, quando as mulheres da casa mostram a tradição familiar de tratar do cabelo. (p.6)*

- No começo, Minosse aprendeu a copiar os penteados que as tias arrumavam. Logo, com o tempo, ela começou a inventar para si mesma penteados novos que, depois, passou a fazer na irmãzinha. “Esta semana vamos transformar nosso cabelo num rio onde mergulhavam as estrelas”, comenta Minosse com irmã, enquanto solta seu longo cabelo cheio de redemoinhos. “O cabelo é como o nosso coração ele traz muitas mensagens, que não podemos recusar-nos a ouvir.” (p.13)

Já o livro de bell hooks é totalmente dedicado à temática dos cabelos crespos. Em *Meu crespo de Rainha* o zelo das mulheres negras pelo cabelo é notado em uma das ilustrações (Figura 14):

- Sentadinha de manhã esperando as mãos carinhosas que escovam ou trançam. (p.17)



FIGURA 12 - ILUSTRAÇÃO MEU CRESPO É DE RAINHA

Já no livro *Peppa*, é possível destacar a imposição de um padrão de beleza que requer cabelos lisos, de preferência longos, como sinônimo de feminilidade. Segundo Jane Felipe e Cristiano Rosa (ROSA; FELIPE, 2018), a produção de uma feminilidade que se pretende hegemônica, investe pesado na uniformização de meninas e mulheres, para que elas alcancem esses padrões de embelezamento, além do incentivo ao mundo doméstico (através dos brinquedos e das brincadeiras) e a maternidade como destino inescapável. Em grande parte dos livros analisados essa ideia das mulheres como cuidadoras também está muito presente. Não apareceu nenhum homem, por exemplo, cuidando dos cabelos das filhas.

Peppa, que a princípio parecia sentir-se confortável com seus cabelos, resolve se render aos apelos de um cartaz no salão de beleza, que prometia deixar os cabelos macios e lisinhos. A menina pegou todas as suas economias e fez o procedimento. Porém, havia uma longa lista de proibições: não podia pegar chuva, não podia correr ao vento, entrar na piscina, etc.

*- Ai que pena...Peppa mal mexia o pescoço. Parecia mais uma múmia. E tudo foi ficando muito chato... (p.18)*

*- Os dias de ventania, um transtorno. (p.20)*

O enredo é bem interessante ao mostrar o aprisionamento desse tipo de procedimento, à base de produtos muito fortes, que podem danificar os cabelos, especialmente se eles são feitos em crianças.

Neste sentido, é fundamental que os livros combatam formas depreciativas de lidar com os cabelos de meninas e mulheres negras, enfatizando a beleza de outros tipos de cabelos, em especial o cabelo crespo das mulheres e meninas negras.

### **5.3 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE PRECONCEITOS**

Em alguns dos livros analisados a escola é colocada como um espaço de difusão do preconceito, como é possível ver no livro *O cabelo de Cora*, em que Miriam diz à sua colega Cora que seu cabelo era desarrumado e que por isso ela deveria usar uma fita na cabeça:

*- Seu cabelo é cheio e muito enrolado – por isso ele fica feio – sempre bem desarrumado. (p.8)*

Também no livro *Escola de princesas recatadas*, Sofia passa por vários preconceitos dentro da referida escola, dentre eles o fato de suas tranças de raiz não serem aceitas pela professora. O livro faz referência a vários contos tradicionais infantis, criticando-os sutilmente, como no caso da Rapunzel,

*- Suas tranças de raiz não possibilitavam a escalada de príncipes, por isso, não foram aceitas pela professora. (p.18)*

Interessante observar o quanto esse trecho do livro nos faz refletir sobre inúmeras situações que já ocorreram com meninas/os negras/os, quando foram advertidos pelas professoras para que prendessem seus cabelos crespos/black power. “Arrumar” os cabelos crespos significa dizer que os mesmos são inadequados por parecerem fora dos padrões de beleza socialmente impostos, o que se constitui em preconceito de cunho racista. Foi o que aconteceu com Valentina<sup>16</sup> no início do ano, que foi orientada a prender o cabelo crespo, tanto por professores quanto por outras crianças.

A autora bell hooks escreveu seu livro depois de testemunhar um ato de racismo dentro de uma escola primária do Brooklyin, nos Estados Unidos, quando uma professora leu para as crianças uma história sobre cabelos “ruins”. O título de seu livro *“Meu cabelo é de rainha”* traz a ideia de valorização e beleza dos cabelos crespos, vendo-os de forma positiva, homenageando assim todas as meninas negras que sofrem com suas aparências por conta do preconceito. Tratar do tema de forma positiva é muito importante para as crianças pequenas. A referida autora mostra que os cabelos crespos também são cheirosos, macios e pixains, sim! Pixaim é um dos apelidos mais utilizados para ofender as pessoas negras. A palavra *pixaim*, em sua etimologia, tem origem na língua indígena tupi e significa originalmente “cabeça enrugada”. A palavra tem registro escrito na língua portuguesa desde pelo menos 1887, significando cabelo crespo.<sup>17</sup>

No referido livro, bell hooks positiva a palavra *pixaim*, que durante muito tempo foi utilizada como forma de depreciar e humilhar as meninas e mulheres negras:

- *Menininha do cabelo lindo e de cheiro doce. (p.2)*

-*Cabelo tão sedoso, tão gostoso de brincar. (p.14-15)*

- *Pixaim, sim! Gosto dele bem assim! (p.20-21)*

---

<sup>16</sup> Reportagem: <http://revistadonna.clicrbs.com.br/maternidade-2/viralizou-mae-envia-bilhete-para-a-escola-pedindo-que-cabelo-black-power-da-filha-nao-seja-presos/> - <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2018/03/mae-relata-preconceito-sofrido-pela-filha-na-escola-por-causa-do-cabel.html>. Acesso em 17/11/2018.

<sup>17</sup><https://dicionarioagramatica.com.br/2016/09/13/pixaim-nao-pichaim-porque-a-palavra-vem-do-tupi/>. Acessado em 20/11/18.

#### 5.4 PARA COMPOR UM ACERVO LITERÁRIO NA ESCOLA

Para Rosa (2017) a escolha das obras literárias a serem disponibilizadas para as crianças é fundamental para formar leitores literários críticos. Sendo assim a qualidade literária deve ser pensada e analisada para as crianças, observando certos critérios. São eles:

- Ler antes de comprar;
- Conhecer o seu público ou para quem você vai ler;
- Um/a autor/a brasileiro/a respeitado/a e reconhecido/a;
- Escolha do gênero literário;
- Editora brasileira que investe em materiais de boa qualidade;
- Ouvir quem indica;
- Custo benefício do livro;
- Boa ilustração;
- Paixão pela obra escolhida.

Observando tais critérios, fui visitar a 64ª feira do livro de Porto Alegre que ocorreu de 1/11 a 18/11/2018. Percorri 25 bancas, todas da área da infanto-juvenil e algumas bancas localizadas em outros cantos da feira. De todas elas, somente em duas bancas encontrei livros de literatura infantil com a temática das relações étnico raciais, a saber: a AMA e a Paulinas.

Compartilho aqui uma relação de livros de literatura (e alguns paradidáticos) que considero de bastante relevância para construção de uma educação antirracista, a saber:

ARRABAL, Jose. **Livro das Origens**. Paulinas, 2011.

BARBOSA, Rogerio Andrade. **Como as histórias se espalharam pelo mundo**. São Paulo: DCL, 2002.

\_\_\_\_. **Bichos da África**. São Paulo: Melhoramentos, 1987. V.1 e 2

\_\_\_\_. **Bichos da África**. São Paulo: Melhoramentos, 1988. v. 3 e 4.

\_\_\_\_. **Contos africanos para crianças brasileiras**. Paulinas, 2004.

\_\_\_\_. **O rei do mamulengo**. São Paulo: FTD, 2003.

\_\_\_\_. **Duula, a mulher canibal; um conto africano**. Difusão Cultural do Livro, 2000.

- BELEM, Valeria. **O cabelo de Lelê**. Ibep Nacional, 2012.
- BELINKY, Tatiana. **Diversidade**. Quinteto Editorial, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Dez saczinhos**. Paulinas, 2006.
- COOKE, Trish. **Tanto, tanto!** São Paulo: Ática, 1994.
- COSTA, Madu. **Meninas negras**. Maza Edições. 2010.
- DIOUF, Sylviane A. **As tranças de Bintou**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- DREGUERM, Ricardo. **Bia na África**. Moderna, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Bia na Ásia**. Moderna, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Bia na Europa**. Moderna, 2007.
- FREEMAM, Mylo. **Princesa Arabela, mimada que só ela!** Atica Editora, 2008.
- GAIVOTA, Gustavo. **Chico Juba**. Maza Edições. 2014.
- GOMES, Lenice. **Amores em África**. Paulinas, 2017.
- JUNQUEIRA, Rosa. **A menina e o tambor**. Autêntica, 2009.
- MHLOPHE, Gcina. **Histórias da África**. Paulinas, 2007.
- OLIVEIRA, Kiusam de. **O Mundo no Black Power de Tayó**. Peirópolis, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Omo-oba: histórias de princesas**. Maza Edições, 2009.
- NEVES, André. **Obax**. Brinque Book, 2010.
- SANTANA, Patricia. **Minha mãe é negra sim!** Maza Edições. 2008.
- ROSA, Sonia. **O menino Nito... então, homem chora ou não?** São Paulo: Memórias Futuras, 1995.
- ZIRALDO. **O menino marrom**. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

Além da relação de livros para montar um acervo literário de qualidade, é preciso investir na formação docente sobre esses temas. Como observa Yvone Costa (2018, p. 83),

Especialmente em relação à diversidade étnico-racial, mesmo com a criação da Lei nº

10.639/03, pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), que torna obrigatório o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileiras nas escolas públicas e particulares de todo o país, bem como a inclusão do dia 20 de novembro como Dia da Consciência Negra no calendário escolar, é possível perceber o quanto ainda precisamos avançar nessas discussões. Apesar da Lei, não se sabe quantas escolas de fato a cumprem.

Em muitas situações tais datas são vistas como meramente recreativas, ao invés de discutirem as temáticas com mais profundidade. Neste sentido, os livros de literatura podem ser grandes aliados para desencadear reflexões sobre o racismo.

## 6 PARA ENTRELAÇAR OS FIOS

A construção da identidade racial na primeira infância é algo que necessita de grande atenção na sociedade atual e nos livros *Betina*, *Os tesouros de Monifa*, *O mundo começa na cabeça*, *Dandara seus Cachos e Caracóis*, *Cabelo com jeito diferente* e *Escola de princesas recatadas*, as meninas com cabelos crespos estão representadas de maneira positiva, distanciando-se assim de representações depreciativas, tais como: o “feio”, o “sujo”, o “inferior”, o “coitado”. No entanto, cabe referir que o livro *Betina*, por exemplo, integrou o acervo no PNBE, sendo distribuído nas escolas. Já o livro de bell hooks, *Meu Crespo é de Rainha*, ainda não está nas escolas. Por isso, escolher tais livros é, antes de tudo, uma escolha política porque nem sempre eles estão disponíveis facilmente, embora sejam livros muito importantes na abordagem dessa temática.

As protagonistas não estão em situações de desconforto, subalternidade ou sofrimento, mas em situações comuns e cotidianas. As obras valorizam aspectos etnicorraciais significativos de uma cultura, como por exemplo, os elementos estéticos que remetem a uma africanidade, a uma estética afro brasileira que interpreta as marcas fenotípicas, especialmente o cabelo como belo. Encontramos na literatura analisada, a defesa dos cabelos que visa desconstruir a negatividade atribuída à textura dos cabelos crespos e cacheados como um caminho para reforçar a autoestima e superar os padrões de beleza eurocêntricos.

O único livro que tem um enredo promotor de lição de moral, em que a personagem preconceituosa se arrepende ao final é o *Cabelo de Cora*, uma história comum de uma amiga arrependida que chama a amiga negra de cabelo “ruim”, ou seja, a estética da criança negra é vista como feia, situação comum nos livros didáticos que são trabalhados em sala de aula e os livros infantis trazidos na tese de doutorado de Gladis Kaercher e por Ione da Silva Jovino já citadas aqui.

Podemos afirmar que os livros aqui analisados favorecem o “empoderamento” das meninas já na primeira infância. A construção das identidades de gênero e etnicorraciais vão se constituindo desde a mais tenra infância, daí a importância de

discutirmos esses temas desde a Educação Infantil, pois é nessa fase que o desenvolvimento da criança, que está em formação de seu próprio “eu”, está fortemente relacionado a fatores externos, ocorrendo, portanto, por meio da socialização (BRASIL, 1998). Portanto, é fundamental que as crianças questionem suas identidades etnicorraciais a partir do conhecimento de histórias e raízes africanas, ainda pouco presentes no contexto educacional e midiático.

A partir das análises foi possível verificar que a literatura voltada para o público infantil pode desempenhar um papel fundamental para o empoderamento das crianças negras, marcadas pelo racismo e o preconceito. Daí a importância das/os professoras/es que atuam na educação infantil assumirem essa dimensão político-pedagógica em suas escolhas, ao proporcionarem o contato com determinadas obras que abordam a pertença racial das meninas negras.

Para as crianças negras, ver sua imagem refletida num livro, sendo retratada de forma positiva, contribui para que esse sujeito se aceite, valorize e tenha orgulho de suas raízes históricas e culturais. Para isso é importante que haja investimentos na formação docente, pois como observa Costa (2018, p. 92)

É importante saber como propostas de discussões dos modos de conhecer e discutir as questões étnico-raciais são apresentadas e tratadas no processo de formação de professores/as através de rodas de conversa com as/os professoras/es sobre a importância de entendermos e valorizarmos os processos de afrodiáspora, bem como discutir a temática do racismo; rodas de conversa com as crianças, a partir de contações de histórias e outras atividades lúdicas (utilização de bonecas negras, histórias africanas e com personagens negros e da cor da pele preta, por exemplo). O objetivo é entender de que modo elas implementam ações para valorizar as culturas afro-brasileiras e como manejar situações de preconceito racial que venham a acontecer no espaço das creches e da Educação Infantil.

Essa representação das afro-brasileiras que não ocupam mais o lugar de empregadas, vitimizadas, mas o lugar de alguém que exige respeito e luta por justiça racial, pode servir de estímulo e exemplo nesse momento histórico em que os movimentos negros e seus aliados lutam por reconhecimento e respeito.

## 7 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BECK, D. Q. **Com que roupa eu vou? Embelezamento e Consumo na Composição dos Uniformes Escolares Infantis**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, UFRS. Porto Alegre, 2012.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CADEMARTORI, LÍGIA. **Literatura infantil**. Disponível em <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-infantil>.

CANDAU, Vera. Educação em direitos humanos e formação de professores/as. **Colóquio Interamericano de Educação e Direitos Humanos**. Buenos Aires, 2011.

CAVALLEIRO, Eliane. (org). Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: \_\_\_\_\_. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001. p. 141-160.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil : história, teoria, análise**. São Paulo: Moderna, 1991.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COMBE, D. Ensaios Filosóficos, **O negro e a linguagem” - Fanon e Césaire**. Volume XII – Dezembro, 2015

CORSO, Diana; CORSO, Mario. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed; 2006.

COSTA, Yvone de Souza. Encontros e Desencontros na formação Docente em educação infantil: Questões Étnico-raciais em Debate. In: ALBUQUERQUE, Simone et, al (org.). **Para pensar a docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evangraf, P. 80-99.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

**GLOSSÁRIO CEALE**. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/>

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In. SOUZA, Florentina e Lima, Maria Nazaré (org). **Literatura Afro-Brasileira. Centro de Estudos Afro-Orientais**, Brasília: Fundação Cultura Palmares, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

\_\_\_\_\_. **Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em 05/10/2018.

\_\_\_\_\_. **Negritude**. Usos e sentidos. 3ª ed. Belo Horizonte, 2009.

KAERCHER, Gládis E. P. da S. **O mundo na caixa: gênero e raça no Programa Nacional de Biblioteca da Escola – 1999**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 1996

\_\_\_\_\_. Pedagogias da racialização ou dos modos como se aprende a “ter” raça e/ou cor. In: Maria Isabel EdelweissBujes. (Org.) **Pedagogias sem fronteiras**. Canoas: Ed. ULBRA, p.85-91 2010.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**. Aletria (UFMG), Belo Horizonte, n.9, p. 38-47, 2003. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1296/1392>. Acesso em 10/09/2018.

\_\_\_\_\_. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>–

\_\_\_\_\_. Educação, relações étnico-raciais e a lei nº 10639/03: breves reflexões. In Modos de fazer: **caderno de atividades, saberes e fazeres**. Ana Paula Brandão (Org.). Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. P19-25. Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/MODOSDEFAZER-WEB-CORRIGIDA.pdf>. Acesso em 20/09/2018.

Paulino, Graça. **Leitura literária**. Disponível em <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-literaria>

RANKE, Maria da Conceição J.; MAGALHÃES, Hilda G. D. Breves considerações sobre fruição literária na escola. Entreletras - Revista do Curso de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT. N. 3, 2011/2. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/887/463>.

ROSA, Cristina Maria. **Crítérios de escolha e de relevância de obras literárias infantis: um estudo**. 2017. Disponível em:

<<http://crisalfabetoaparte.blogspot.com.br/2017/07/criterios-de-escolha-e-de-relevancia-de.html>>. Acesso em: 14/11/2018.

ROSA, Cristiano Eduardo da; FELIPE, Jane. Uma diva dentro de mim: descobertas femininas sobre *scripts* de gênero no processo de montagem *dragqueen*. In: RIBEIRO, Joyce. (Org.) **Gênero, sexualidade e educação: problemas contemporâneos**. Curitiba: CRV Editora, 2018.

SÁ-SILVA, J.R. ; ALMEIDA, C. D. ; GUINDANI, J.F. . **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais , v. 1, p. 1-15, 2009.

SANTOMÉ, Jurjo. **As culturas negadas e silenciadas no currículo**. In: Alienígenas na sala de aula. RJ: Vozes, 1995.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagens e ensino das africanidades brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SOARES, Magda. Ler, verbo transitivo. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça, VERSIANI, Zélia (org.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. (Coleção Literatura e Educação).

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, L. Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1982.